

DEUSA TROPICAL DO “MÉDIO CLERO”

No curso natural deste planeta, que está a cada instante prestes a total destruição, ninguém está imune às pragas da condenação de Zeus a Prometeu. Contradições e aberrações são inerentes à condição humana. Quando penso nessa condição, gosto muito de me remeter ao texto de Nietzsche de 1873, intitulado “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”. Além de destruir o paradigma clássico da filosofia sobre a verdade, desmascara a hipocrisia humana. Negar o impacto da reflexão suscitada por Nietzsche é querer tapar o sol com a peneira.

Usando uma linguagem de fino humor, Nietzsche afirma: “Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um cem número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da ‘história universal’: mas também foi somente um minuto”.

As polêmicas decisões da deusa Themis (Justiça) evidenciam a atualidade do pensamento de Nietzsche sobre as aberrações e contradições humanas. A autoblindagem desse aparato institucional judicial vai ao encontro dessas aberrações. Além de corroer os princípios fundamentais e morais no País do “faz de conta”, perpetua a ideia de ser uma terra de pessoas de 1ª, 2ª e 3ª categorias cidadinas.

“Uma” de seus serviçais, sentindo-se como deusa, instrumentaliza a máquina hierárquica sem pudor nem temor. Por meio da sonora trombeta da deusa Themis, filha de Urano (Céu) e Gaia (Terra), usa-a para reforçar o manto da autoblindagem em nome da lei, da ordem e da justiça, crendo-se estar de olhos vendados, sustentando a mística balança da imparcialidade.

Certamente, ao usar esse aparato panteônico, imaginou ser bem-sucedida, por meio do poder da toga sagrada e impoluta. O episódio faz lembrar de um dos contos do contista dinamarquês, Hans Christian Andersen, intitulado **"A Nova Roup do Rei"**. Trata-se da estória infantil de um rei vaidoso. Este deixou-se ser iludido pela ideia de que havia uma roupa tão especial que somente os dotados de inteligência singular poderiam ver a beleza e o poder de sua nova roupa.

Fascinado, o Rei desfilou pela cidade, acompanhado pelos seus súditos. Para não ser vistos como tolos, todos silenciaram. Contudo, não mais que de repente, um menino grita bem alto: "O rei está nu!". Imediatamente, diante do olhar dos presentes, a máscara cai, mas os súditos da corte continuam fingindo não ver a nudez do Rei. O poder tem a mística de inebriar os olhos ante a presença da toga sagrada.

Como no reino idealizado por Andersen, há sempre alguém que ousa a declarar a nudez do Rei e de seus deuses menores no reino do País dos tristes Trópicos, de Claude-Levi Strauss. No caso, não foi um menino e, sim, uma também deusa menor, sem toga, que, talvez enciumada ou indignada, ousou a pôr a boca no trombone. O grito dela, de pulmões cheios, espargiu fel sobre a cabeça dos demais deuses menores. De pronto, o ato causou indignação ante os

desmandos que assolam este País do “faz de conta”. Não poderia ser diferente. Se vai dar resultado, não se sabe. Mas o estrago já está feito.

Arriscou-se? Nem tanto, né! Ademais, Iris é uma deusa a serviço dos demais, principalmente da deusa Hera, que vive numa relação incestuosa com Zeus, irmão e esposa dela. Como metáfora, a tríade divina, Zeus, Hera e Themis no panteão, forma um triângulo amoroso perfeito: poder, justiça e mídia. Pelo menos esta é a impressão que dá quando se olha o jogo do xadrez deles no cenário nacional.

A principal diferença entre Íris e Hermes reside no âmbito das suas responsabilidades e na sua importância na mitologia grega. Íris é principalmente conhecida como a deusa do arco-íris e mensageira dos deuses, que leva e traz as mensagens entre humanos e deuses. A deusa tropical do “médio clero”, ao despertar a ira da deusa midiática, expôs a nudez do Oráculo da deusa Themis.

Irada, com a boca cheia de fel, em nome da autoimagem e sob o poder da deusa do “alto clero”, Themis, acionou o viés draconiano da máquina sob pretexto de que a linguagem usada pela deusa Íris era inapropriada à ritualística do sagrado Templo de Themis.

Acusou a deusa Íris de ter sido dolosa ao não aplicar as regras ritualísticas da linguagem etiquetada pelas armadilhas do Poder. Noutras palavras, a deusa tropical, do “médio clero”, sentiu-se ofendida em razão de uma suposta confusão entre a douda linguagem e o termo “penduricalhos”. Aliás, esse termo tem sido recorrente nas reportagens e editoriais do Estadão.

Movida pelo temor reinante no Olimpo de Zeus, a deusa tropical do “médio clero” não hesitou, colocou a máquina para funcionar Alegou que a linguagem de fino humor aplicada à reportagem estaria provocando enorme confusão entre os súditos desavisados. Afinal, Medo de quê.? Claro, do fantasma da rebelião dos mortais, que pode abalar os pilares do Oráculo de Themis.

Se a Sentença for confirmada pelas cortes superiores de Themis, nada mais resta neste País do “faz de conta” senão recorrer a Drummond para reescrever o poema: “E agora, José”. Triste sina das gerações vindouras! Vão ter de reinventar a paródia do triste destino dos “Jose”. Afinal, nada é para sempre.

Rubens Galdino - Professor e jornalista